"No teatro a concentração é mais difícil"

A atriz dá os primeiros passos no teatro e está em palco, em Almada, até 2 de novembro, com *Cais Oeste*, do dramaturgo francês Bernard-Marie Koltès. Uma peça que leva o espectador às margens da sociedade

JOSÉ FIALHO GOUVEIA

Temos de falar sobre a Monique, uma mulher burguesa que de repente se vê, a meio da noite, entre marginais. Foi fácil encontrar a chave para a representar?

Sinto que ainda estou à sua procura. Em teatro temos essa possibilidade de, dia após dia, continuar à procura e encontrar sempre qualquer coisa. No início, com a análise geral que fizemos do texto, cheguei a uma ideia da mulher que poderia ser a Monique, mas, a partir daí, todo o trabalho com o Ivica Buljan, o encenador, foi muito instintivo. Rapidamente atacámos o texto com o corpo, sem intelectualizar. Ele procurava emocões à

flor da pele. Queria que conseguissemos uma interpretação carnal. A descoberta da personagem passou muito por al, por perceber, numa situação limite como aquela, quais seriam os instintos da Monique.

Toda a encenação é muito física.

Sim. E, como não partimos de um trabalho intelectualizado, o nosso instinto acaba por estar muito presente. Nesse aspeto foi complicado encontrar qual seria o instinto da personagem. Inicialmente não estava a conseguir encontrar a força da Monique, talvez porque fui muito mais protegida do que ela. Ajudaram-me bastante algumas referências dadas pelo encenador. Vimos muitos filmes do Tarantino. No Pulp Fiction, por exemplo, eles estão sempre a desafiar-se uns aos outros e nota-se um lado de comércio constante.

O Ivica é um grande conhecedor do Koltès e disse-nos imediatamente que aquilo era uma luta e não era para intelectualizar. Isso foi importante.

Fizeram o exercício, talvez mais óbvio, de pensar o texto como uma crítica ao capitalismo de hoje – ainda que o texto seja dos anos 1980?

O trabalho foi muito mais no sentido de procurar a função relacional entre as personagens. Quem é esta pessoa e como se relaciona como aquela? Esse lado mais óbvio já está no texto. O Ivica quis fornecer-nos material para conseguirmos jogar, para estarmos fisicamente vivos em palco, com o instituto alerta.

No final da peça fica-se com a sen-

Há momentos em

que me deixo levar

pelo que estou a ouvir

e acabo por absorver

aquela escuridão

sação de que estão exaustos a nível físico e emocional.

A nível físico sem dúvida, a contece todos os dias. A nível emocional há dias em que consigo proteger-me um bocadinho mais. O truque para evitar esse desgaste é percebermos que aquilo é

um jogo e concentrarmo-nos naquela batalha, como um lutador no momento decisivo, com os olhos no adversário. Mas há momentos em que não consigo ter essa leveza. Deixo-me levar pelo que estou a ouvir e acabo por absorver aquela escuridão, aquele ambiente depressivo e aquela suiidade.

Nesse aspeto o teatro é mais violento do que o cinema?

Não sei responder. Esta é só a minha segunda peça e é uma peça muito particular. Mas o cinema também pode ser muito violento.

E diferenças no processo de construção da personagem?



"No trabalho esqueço a timidez. Estou protegida por uma ficção"

Talvez no cinema o trabalho seja mais solitário. Sou muito mais eu em casa, a escrever, a ler, a ver filmes. Em teatro estamos juntos, durante dois meses, todos os dias. E neste caso tudo partiu muito da interacão com o outro.

António-Pedro Vasconcelos sobre si: "Tem uma capacidade de metamorfose única. Chega ao *plateau* e concentra-se de tal maneira que a personagem transparece no olhar". Tem rituais de concen-

tragao:
Confesso que não. No plateau acontece-me isso. Estou concentrada e
absorvida pela cena que vou filmar.
Há uma barreira que crio instintivamente à minha volta para me
focar na personagem.

A presença do público, no teatro, torna isso mais difícil? Era nisso que estava a pensar. No teatro, talvez por ter menos experiência, a concentração é mais dificil. Sinto a pressão do público e a pressão de não se poder cortar. É um cliché, mas é verdade. O teatro é em direto e isso deixa-me mais consciente do que estou a fazer. É algo que ainda tenho de trabalhar. Já disse, em multas entrevistas, que é uma pessoa tímida. Estar em palco é uma luta constante contra essa timide?

essa umidez: Sou tímida na minha vida particular, mas no trabalho esqueço a timidez. Quando estou a trabalhar estou numa realidade que não é a minha, estou protegida por uma personagem e por uma ficção.

Sempre quis representar? Sei que quando andava na escola chegou a simular um desmaio...

É verdade. Chegaram a levar-me para a enfermaria, estavam quase a chamar a ambulância e eu a gozar o prato. E também me lembro de, em casa, inventar ficções muito dramáticas. Inventava, por exemplo, que o meu pai tinha morrido, só para tentar colocar-me naquela situação e sentir como seria. Sim, sempre quis representar.

Em 2010, numa entrevista ao jornal i, dizia que era difícil, em Portugal, imaginar uma carreira a longo prazo na representação. Continua a pensar assim?

Omercado é muito pequeno e esta profissão é uma luta constante. Há muitas pessoas com enorme talento que se sentem frustradas por não conseguir deixar sair tudo o que está dentro delas. Talvez por isso me seja difícil imaginar uma longa carreira. Se começar a sentir essa frustração talvez prefira mudar-me para o campo. Representar é uma paixão, mas não sinto que seja a única coisa que posso fazer com a minha vida.